

O DISPOSITIVO METODOLÓGICO E INTERVENTIVO AUTOCONFRONTAÇÃO E SEUS USOS EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO

METHODOLOGICAL AND INTERVENTIONAL DEVICE: THE SELFCONFRONTATION AND ITS USES IN RESEARCHES OF EDUCATION

*Deivis Perez*¹

*Carla Messias*²

RESUMO: Este artigo apresenta estudo acadêmico-científico sobre o uso do dispositivo metodológico e interventivo nomeado autoconfrontação em pesquisas produzidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de Educação brasileiros. A autoconfrontação foi criada pelo linguista Daniel Faïta e aperfeiçoada pelo psicólogo Yves Clot no contexto da abordagem histórico-cultural de Psicologia e Educação, de Lev Semenovitch Vigotski e, mais especificamente, no âmbito da Clínica da Atividade. Trata-se de dispositivo que busca captar os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício determinado, integrando pesquisador e trabalhadores, de modo a favorecer a instalação de um movimento dialético de análise e produção de saberes sobre o trabalho, apropriação destes conhecimentos pelo coletivo de trabalhadores e transformação da atividade laboral. Optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa e pela realização da análise documental dos resumos de pesquisas que resultaram na produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado realizadas no Brasil entre 1987 e 2011. Foram examinados os estudos que tiveram os seus resumos reunidos e tornados disponíveis pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em seu sítio eletrônico. Os resultados apontam que a autoconfrontação é usada de modo fragmentado nos estudos produzidos na área da Educação, ao servir prioritariamente para recolha de dados e ao conferir menor ênfase para a transformação do processo laboral.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Metodologia de pesquisa. Trabalho.

ABSTRACT: This article presents an academic and scientific study about the use of the device methodological and intervening of selfconfrontation in research in post-graduate studies in Education in Brazil. The self-confrontation is a device created by linguist Daniel Faïta and perfected by psychologist Yves Clot. She seeks to capture the multiple discourses and perspectives around a particular craft, integrating researcher and workers to facilitate the installation of a dialectical movement of analysis and

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Professor da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: prof.deivisperez@hotmail.com.

² Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pela Universidade Nova de Lisboa; Professora de Língua Portuguesa vinculada à Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. E-mail: carlamessias@yahoo.com.br.

production of knowledge about the work, ownership of these knowledge workers and the collective transformation of labor activity. We chose a qualitative approach and the realization of documental analysis of the abstracts of researches that resulted in the production of doctoral theses and dissertations held in Brazil between 1987 and 2011. We examined studies that had their abstracts gathered and made available by the Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) on its website. The results show that self-confrontation is used piecemeal studies produced in the area of Education, used primarily to collect data and to give less emphasis to the transformation of the labor process.

KEYWORDS: Education. Research methodology. Work.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um estudo acadêmico-científico que teve como objetivo analisar e discutir a aplicação do procedimento de autoconfrontação em pesquisas desenvolvidas no campo da Educação.

O foco de interesse e análises deste artigo pela autoconfrontação justifica-se na medida em que a compreendemos como um dispositivo metodológico e interventivo que pode contribuir para fazer emergir, conforme Clot (2006), os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício determinado, integrando pesquisador e trabalhadores, de modo a favorecer a instalação de um movimento dialético de análise e produção de saberes sobre o trabalho, apropriação destes saberes pelo coletivo de trabalhadores e transformação da atividade laboral. Isso ocorre porque o procedimento de autoconfrontação serve como um meio para a análise da atividade profissional, bem como, um instrumento de transformação do trabalho pelos próprios trabalhadores, com apoio do especialista ou pesquisador.

Neste sentido, a autoconfrontação pode ser considerada, simultaneamente, um dispositivo voltado para a coleta de dados científicos e, também, um procedimento que estimula e organiza a reflexão e a transformação do processo laboral pelos próprios trabalhadores.

É relevante destacar que este artigo representa a continuidade e ampliação de análises realizadas por seus autoresⁱ sobre a aplicação da autoconfrontação em trabalhos acadêmicos brasileiros, mais especificamente, em teses de doutorado e dissertações de mestrado, dedicadas ao estudo do trabalho docente, e concluídas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de Linguística Aplicada (MESSIAS; PEREZ, 2013). Em seguida, pareceu-nos pertinente analisar a utilização deste procedimento em pesquisas produzidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* do campo da Educação. Isto porque esta área do saber acadêmico foi uma das pioneiras no uso da autoconfrontação no país e, ainda, por ser um dos três grandes campos do saber em que há

maior número de pesquisas com o uso da autoconfrontação como dispositivo metodológico, conforme descreveremos detalhadamente posteriormente. Cumpre mencionar que neste estudo não nos restringimos ao exame de pesquisas sobre o trabalho de professores, por compreendermos que era necessário compor um quadro ampliado do estado da arte do uso da autoconfrontação na Educação de modo a tornar disponíveis informações sistematizadas sobre o estado da arte do uso deste dispositivo nos processos de pesquisa e transformação de atividades laborais por pesquisadores vinculados à pós-graduação do campo educacional.

Este artigo está organizado em quatro subseções, além desta introdução e das considerações finais, em que abordamos, sucessivamente: a) o contexto de produção do procedimento ou dispositivo metodológico em tela; b) a caracterização da autoconfrontação; c) quadro geral de uso deste dispositivo em pesquisas brasileiras; d) análise e discussão dos usos e aplicações da autoconfrontação em pesquisas da Educação.

Vale mencionar que a autoconfrontação, a qual este artigo se refere, é aquela que foi desenvolvida de acordo com os pressupostos e o contexto teórico da Clínica da Atividade, que tem suas raízes epistemológicas na perspectiva racionalista-materialista de Baruch Espinosa, no materialismo dialético de Karl Marx e, de maneira central, na abordagem de Educação e de Psicologia Histórico-Cultural ou Sócio-Desenvolvimentista de Lev Semenovitch Vigotskiⁱⁱ, segundo a qual o desenvolvimento psicossocial humano ocorre a partir do contato de cada pessoa com os saberes socialmente construídos e valorizados. A origem e o fundamento teórico da autoconfrontação serão apresentados na seção seguinte.

A AUTOCONFRONTAÇÃO: CONTEXTO DE PRODUÇÃO DESTE DISPOSITIVO METODOLÓGICO

A autoconfrontação foi criada por Faïta (1997) para favorecer o estudo do trabalho de condutores de trens em contexto europeu. De acordo com Clot (2010), a autoconfrontação é um dispositivo metodológico de experimentação dialógica que busca captar o plurilogismo profissional sobre ações e atividades próprias de um ofício determinado, sendo utilizada para investigar o agir do trabalhador “a fim de ampliar seu raio de ação, seu poder de agir sobre o próprio meio e sobre eles mesmos” (CLOT, 2010, p. 208). Essa investigação deve ocorrer em função da demanda de um profissional ou do seu coletivo de trabalho, isto é, o grupo de pessoas

que exercem o mesmo ofício em uma mesma instituição empregatícia. Esse dispositivo ou procedimento metodológico é considerado como uma experiência dialógica que coloca os trabalhadores em contato com o seu próprio agir profissional e com o agir do outro. A autoconfrontação caracteriza-se por ser uma atividade dirigida, inicialmente por um especialista ou *expert* (pesquisador) e, depois, pelos próprios trabalhadores, em um processo de diálogo.

Nesse caso, de acordo com Clot (2010, p. 222), a análise da própria atividade laboral por um trabalhador e por seus pares associada à possibilidade de realizar a sua transformação “se revela como um instrumento de desenvolvimento da consciência do sujeito quando lhe é oferecida a possibilidade de alterar o estatuto do vivido”.

Para os pesquisadores da Clínica da Atividade, a confrontação dos profissionais com seu próprio *métier* possibilita seu (re)conhecimento acerca do que eles fazem e sobre o gênero da atividade que participam, bem como o desenvolvimento de si e da sua área ocupacional ou *métier*. Portanto, para Clot *et al.* (2001), a autoconfrontação é um dispositivo metodológico que pode ser qualificado como clínica-desenvolvimentista ou clínica do desenvolvimento humano, visto que ela serve como um meio para o desenvolvimento do agir do trabalhador e do próprio trabalho.

De acordo com os pesquisadores da Clínica da Atividade, a análise do trabalho proposta por meio deste procedimento interventivo repousa sob dois pressupostos básicos. O primeiro é de natureza clínica, isto é, os pesquisadores, são convidados por um grupo de profissionais, que exercem um mesmo ofício, para a realização de análises das atividades de trabalho concretas, a fim de modificá-las, visto que, para eles, essas atividades laborais são sempre “situações reais de trabalho degradadas”. (CLOT, 2010, p. 227). Esse pressuposto baseia-se na compreensão de que quando um trabalhador é confrontado com sua situação de trabalho, ele reelabora os mecanismos utilizados por meio de processos cognitivos e, poderá, com isso, mudar seu agir em situações futuras. O segundo diz respeito à concepção da relação entre o indivíduo e o coletivo. De acordo com Clot (2010), as situações conflituosas vividas no âmbito pessoal ou individual são estabelecidas pela conflituosidade social, isto é, pela coletividade humana. Esta conflituosidade social não é percebida de modo negativo por Clot que considera que são os conflitos sociais ou externos à pessoa que contribuem para que o indivíduo se mobilize e tenha desafios internos.

No contexto teórico apresentado, a autoconfrontação não é percebida apenas como um dispositivo metodológico voltado para o campo das pesquisas por meio do qual os estudiosos realizam as coletas de dados. Em verdade, trata-se, primeiramente, de um procedimento ou dispositivo de intervenção no processo de trabalho de um coletivo determinado de profissionais que pretendem contribuir para a transformação e a compressão da atividade ocupacional da qual participam.

A realização de processos interventivos e pesquisas acadêmico-científicas com uso da autoconfrontação demandam do especialista e/ou pesquisador o conhecimento e domínio do conjunto de procedimentos elaborados por Faïta (1997) e desenvolvidos por Clot (2006; 2010), de modo que se contribua com maior eficiência e eficácia para o surgimento do diálogo sobre um ofício específico e a transformação do processo laboral pelos próprios trabalhadores. Seguindo esse pressuposto, na próxima seção, apresentamos a caracterização da autoconfrontação e o conjunto de fases e movimentos que compõem a sua realização pelo pesquisador ou especialista.

CARACTERIZAÇÃO DA AUTOCONFRONTAÇÃO: FASES E MOVIMENTOS DE SUA REALIZAÇÃO

A autoconfrontação, de acordo com Messias e Perez (2013) organiza-se em três fases articuladas e complementares entre si. Cada fase subdivide-se em movimentos distintos que devem ser seguidos pelo pesquisador.

FASE A

A primeira fase da autoconfrontação tem como objetivo “[...] aproximar o pesquisador da atividade laboral e dos trabalhadores com os quais irá atuar ao longo do processo de pesquisa e intervenção” (MESSIAS; PEREZ, 2013, p. 95). Trata-se de realizar um conjunto de ações que favoreçam as aproximações sucessivas do estudioso em relação à atividade e ao próprio coletivo de trabalho.

- Movimento 1 – Documentos Prescritivos e Contexto Sociointeracional de Trabalho

Este movimento tem como foco levar o pesquisador a conhecer o contexto sociointeracional de trabalho do coletivo laboral que está sendo analisado, por meio da recolha e exame dos documentos prescritivos do trabalho dos profissionais participantes da pesquisa. Ainda, é realizado o levantamento do histórico de produção desses documentos e quais os usos

feitos pelos trabalhadores no cotidiano. Trata-se de um processo de aproximação do cotidiano dos trabalhadores participantes de um estudo e da coleta de informações sobre o seu *métier*.

- Movimento 2 - Observação e entrevista semiestruturada

O segundo movimento tem início com a composição de um grupo de trabalhadores voluntários no tocante à participação na pesquisa, junto aos quais é obtida parte significativa dos dados. Os voluntários e o pesquisador compõem a “comunidade científica ampliada” (CLOT, 2010) que deve participar ativamente de todas as etapas seguintes da coleta de dados e do diálogo sobre o trabalho analisado.

O pesquisador faz a observação do trabalho realizado pelos voluntários da pesquisa. Os aspectos relevantes observados são registrados pelo pesquisador em um diário de pesquisas. Após a observação e registro, uma entrevista semiestruturada deve ser realizada com cada um dos trabalhadores para esclarecer dúvidas e detalhar informações obtidas na observação.

FASE B

A fase B subdivide-se em quatro movimentos distintos. Esta fase, conforme Messias e Perez (2013, p. 96) “[...] tem como objetivo favorecer a análise do próprio trabalho por parte dos trabalhadores voluntários que compõem com o pesquisador a comunidade científica ampliada”. É feito o registro do trabalho e sua análise de modo que os profissionais, por meio do diálogo sobre seu trabalho, tornem-se protagonistas da sua própria atividade laboral.

- Movimento 1 – Registro / Gravação da Atividade de Trabalho

Considerando as informações obtidas nas observações e entrevistas, o pesquisador realiza o registro da sequência de trabalho (gravadas em áudio e vídeo) escolhida pelos participantes. Trata-se da obtenção de dados sobre o *trabalho real* e/ou *real do trabalho* (CLOT, 2006) que é o trabalho concreto, registrado no momento em que se desenrola a ação do trabalhador. O pesquisador busca captar momentos representativos do trabalho que é realizado cotidianamente.

- Movimento 2 – Seleção de trechos das atividades de trabalho registradas

Após a gravação das sequências de trabalho dos voluntários, o pesquisador seleciona trechos da atividade de cada trabalhador. Estes trechos serão exibidos aos voluntários e orientarão o diálogo sobre o trabalho que realizarão na autoconfrontação simples.

- Movimento 3 – Autoconfrontação simples

Neste movimento cada trabalhador assiste os trechos da gravação em áudio e vídeo, que foram previamente selecionados pelo pesquisador. Os dados a serem recolhidos são os comentários feitos pelo profissional acerca do seu próprio trabalho no momento em que assiste ao registro em áudio e vídeo. O pesquisador deve elaborar antecipadamente um roteiro de questões visando organizar o diálogo sobre o trabalho com o voluntário da pesquisa. Geralmente, este roteiro integra questões sobre os aspectos que o potencializa e os itens que se apresentam como impedimentos de seu agir na percepção dos próprios trabalhadores.

Cumprido lembrar que nesta fase cada voluntário assiste ao seu vídeo com o pesquisador, isto é, o grupo de trabalhadores não vê os registros conjuntamente.

- Movimento 4 – Autoconfrontação cruzada

No último movimento da Fase B, o grupo de trabalhadores e o pesquisador assistem juntos os trechos das gravações de atividades de trabalho dos sujeitos do estudo. Trata-se da coleta de informações sobre o *trabalho interpretado* pelos voluntários da pesquisa. O pesquisador deve atuar como mediador do diálogo entre os trabalhadores sobre as sequências laborais registradas e visualizadas. O conjunto de movimentos que compõe a Fase B tem como objetivo:

[...] levar os trabalhadores a se interrogarem sobre o que eles observam da própria atividade. Em outras palavras, ele (o pesquisador) os convida a descrever o mais precisamente possível os gestos e as operações observáveis na gravação em vídeo até que se manifestem os limites dessa descrição, até que a verdade estabelecida seja flagrada na veracidade do diálogo, pela autenticidade dialógica. (CLOT, 2010, p. 240).

O que surgirá do processo de coleta será, muito provavelmente, um conjunto de reflexões sobre o trabalho e o agir profissional dos voluntários participantes da pesquisa. Isso porque, a autoconfrontação favorece a vivência da dialogicidade profissional, em que emergem informações sobre os conflitos, as dissonâncias e as concordâncias sobre a atividade de trabalho.

FASE C

Esta fase é composta por um único movimento denominado restituição ao coletivo de trabalho. É o momento em que as análises, descobertas e considerações sobre o trabalho realizadas pelo pesquisador e pelos voluntários (comunidade científica ampliada) são restituídas ao coletivo de trabalhadores que atuam na mesma função dos sujeitos do estudo (equipe de trabalho). Esta submissão dos achados de pesquisa ao coletivo de trabalho tem como objetivo levar o conjunto de trabalhadores a se apropriar dos dados e análises da pesquisa, com vistas a

estimular a ação engajada dos profissionais objetivando, no dizer de Clot (2010), a abertura de zonas de desenvolvimento potenciais, isto é, estimular a reflexão e a ação sobre as possibilidades de transformação da atividade laboral pelos próprios trabalhadores.

Nesta fase, o pesquisador planeja e realiza, em parceria com os voluntários que participaram das autoconfrontações, reuniões com o coletivo de trabalho. Estas reuniões podem acontecer com “o coletivo profissional [...]; o comitê de monitoramento da intervenção; o coletivo profissional ampliado, ou seja, o conjunto dos pares [...]” (CLOT, 2010, p. 241). O objetivo é criar as condições para que os próprios trabalhadores realizem a transformação do seu processo laboral.

Na seção seguinte são apresentadas informações sobre os usos da autoconfrontação em pesquisas realizadas no Brasil.

A AUTOCONFRONTAÇÃO: QUADRO GERAL DO USO DO DISPOSITIVO EM PESQUISAS CONCLUÍDAS NO BRASIL

No mês de janeiro de 2013 foi feito um levantamento e o exame documental de dissertações de mestrado e teses de doutorado que permitiram identificar os trabalhos acadêmicos em que foram utilizadas a autoconfrontação no processo de pesquisa. Inicialmente, foram localizados todos os trabalhos produzidos que fizeram uso da autoconfrontação, independentemente da área de conhecimento. A partir das informações obtidas foi realizada a análise dos usos deste dispositivo metodológico em estudos produzidos particularmente no campo da Educação.

Neste levantamento, foram consultados dados organizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Identificamos, no banco de dados de teses e dissertações da CAPES, resumos de mais de 125 mil trabalhos produzidos no Brasil a partir de 1987. Neste levantamento, consideramos os estudos divulgados entre 1987 e 2011 que mencionaram o uso da autoconfrontação como procedimento e/ou dispositivo de recolha de dados. Ressaltamos que foram desconsideradas as pesquisas ou artigos que mencionavam o termo “autoconfrontação”, mas que não adotavam os pressupostos e orientações, conforme as indicações de Clot e Faïta apresentadas nas seções anteriores deste artigo.

No banco de teses e dissertações da CAPES, no mesmo período, foram identificados trinta e nove estudos concluídos que fizeram uso da autoconfrontação como dispositivo de recolha dos dados, sendo vinte e quatro dissertações de mestrado e dezesseis teses de doutorado. Há somente um estudo, elaborado por Rodrigues (2010) que não utiliza a autoconfrontação para coleta de dados, mas dedica-se a analisar as semelhanças e diferenças entre este dispositivo e outro instrumento metodológico de recolha de dados, a instrução ao sóciaⁱⁱⁱ Considerando os quarenta trabalhos identificados, podemos apontar que foram elaborados em cinco diferentes áreas do conhecimento, obedecendo a seguinte distribuição:

Quadro 1: Teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas entre 1987 e 2011 que utilizaram a autoconfrontação

Área do Conhecimento	Linguística Aplicada (LA)	Educação	Psicologia	Saúde Pública	Letras
Número de Dissertações de Mestrado	11	3	6	1	0
Número de Teses de Doutorado	6	6	5	1	1
Total	17	9	11	2	1

Não foram localizadas teses ou dissertações voltadas para as contribuições da autoconfrontação para a compreensão e transformação de quaisquer ocupações. Este levantamento sinalizou que há escassez de trabalhos acadêmicos dedicados a verificar particularmente o modo como a autoconfrontação tem sido utilizada e suas contribuições para a compreensão e transformação das ocupações de modo geral. Ressaltamos ainda que não há quaisquer análises acadêmico-científicas dos usos e potencial para a produção de saberes e transformação do trabalho por meio do uso do dispositivo metodológico em tela. Apesar disso, nota-se que nos últimos seis anos houve o crescimento do uso da autoconfrontação como instrumento de pesquisa adotado para a recolha dos dados. Considerando as informações obtidas no banco de teses da CAPES, entre 1987 e 2005, houve a produção de apenas dois estudos que fizeram uso da autoconfrontação, sendo eles elaborados, respectivamente, por Vieira (2002) e por Menegolo (2005). Esta última pesquisa resultou na produção de dissertação de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos Pós-Graduados em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso e orientada por Vieira.

Entre 2006 e 2011, foram concluídas 38 pesquisas que utilizaram a autoconfrontação, conforme quadro abaixo:

Quadro 2: Número anual de teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas entre 2006 e 2011 que utilizaram a autoconfrontação

Ano	Número de Dissertações de Mestrado	Número de Teses de Doutorado	Total
2011	12	3	15
2010	3	2	5
2009	1	1	2
2008	4	4	8
2007	1	1	2
2006	3	3	6
Total	24	14	38

Entre as quarenta dissertações e teses registradas, observamos que a autoconfrontação foi utilizada, de modo mais significativo, para a coleta de dados em pesquisas que abordaram os seguintes temas: trabalho docente (14); representação social do trabalho do professor (7); trabalho de profissionais do campo da saúde (4); formação de professores (2) e prescrição do trabalho docente (2). Há diversas temáticas que foram objeto de uma única pesquisa, entre as quais: trabalho do dentista; trabalho do defensor público no tribunal do júri; trabalho do fonoaudiólogo e atividade de estagiários da educação. Notamos entre os estudos a preponderância de interesse por questões associadas ao universo de trabalho dos professores totalizando vinte e seis pesquisas no universo de quarenta estudos produzidos a partir do ano de 2002.

No tocante à procedência dos trabalhos de pesquisa, a tabela abaixo aponta que parte significativa dos estudos que utilizam a autoconfrontação foi produzidos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP (13), nos programas de pós-graduação em Psicologia da Educação e Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL. Outras universidades que produziram trabalhos que fizeram uso da autoconfrontação foram Universidade Federal do Espírito Santo (4); Universidade Estadual de Londrina (3) e Universidade Federal do Paraná (3).

Quadro 3: Instituições de ensino superior em que foram concluídas teses de doutorado e dissertações de mestrado com uso da autoconfrontação

INSTITUIÇÕES	TESES E DISSERTAÇÕES
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP	13
Universidade Vale do Rio dos Sinos (Rio Grande do Sul)	1
Universidade Federal do Paraná	1
Universidade Federal do Ceará	3
Universidade Federal do Mato Grosso	2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1
Universidade Federal de Alagoas	2
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1
Universidade Metodista de Piracicaba	1
Fundação Oswaldo Cruz	2
Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro	2
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC Minas	1
Universidade de São Paulo	1
Universidade Estadual de Londrina	3
Universidade Federal do Espírito Santo	4
Universidade Federal de Pernambuco	2

Por fim, é preciso ressaltar que a PUC-SP foi responsável pela formação de professores doutores de instituições distribuídas pelo país que posteriormente passaram a orientar teses e dissertações em que observamos uso da autoconfrontação. É o caso dos trabalhos concluídos na Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Estácio de Sá/RJ.

O cenário exposto indica que Educação é uma das três grandes áreas do saber acadêmico-científico em que se registrou maior produção de pesquisas em que a autoconfrontação foi adotada como procedimento metodológico de recolha de dados. Considerando este fator, discutiremos, na seção seguinte, o modo como a autoconfrontação tem sido utilizada em pesquisas do campo da Educação.

A AUTOCONFRONTAÇÃO: USOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

A autoconfrontação começou a ser utilizada como dispositivo para a recolha de dados em pesquisas realizadas em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Educação na primeira década do século XXI, adaptada aos objetivos e contextos de produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Estas teses e dissertações podem ser agrupadas, no tocante os objetivos de pesquisa, em duas grandes modalidades de estudos: 1) trabalhos em que os pesquisadores buscaram identificar e discutir quais as representações sociais sobre o trabalho do professor pela sociedade e pelos próprios docentes; 2) pesquisas voltadas para a análise do trabalho docente em diferentes níveis educacionais (ensino superior, médio e fundamental) por meio do exame das práticas discursivas, textos e interações verbais produzidas nas diferentes etapas e movimentos da autoconfrontação. Há uma única dissertação de mestrado (BELÉM, 2010), que foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, que não se enquadra nas duas categorias mencionadas, porque teve como foco a compreensão da atuação do tradutor-intérprete de Língua Portuguesa de Sinais no ensino médio.

Inicialmente, a autoconfrontação foi empregada em uma pesquisa brasileira que buscava produzir conhecimento acerca das representações sociais sobre o trabalho do docente de História, elaborada por Cardoso (2007), que resultou na tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo/USP e realizada parcialmente na Université Charles-de-Gaulle - Lille III. Esta tese incidiu sobre o estudo comparativo das representações de professores de História brasileiros e franceses sobre a educação para a cidadania no contexto da escolarização formal. O estudo de Cardoso fez uso da autoconfrontação de modo instrumental, na medida em que o autor utilizou o dispositivo para coletar os dados do seu estudo, mas não atuou como mediador no sentido do estímulo à transformação do trabalho pelos participantes da sua pesquisa. Ainda, Cardoso realizou parcialmente o conjunto de movimentos e fases do dispositivo metodológico, limitando-se a adotar a autoconfrontação simples na recolha dos dados de sua pesquisa.

As duas pesquisas que seguiram foram de Louzada (2009), tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo e a dissertação de Belém (2010), defendida no âmbito da Universidade Metodista de Piracicaba. A pesquisa de Louzada (2009) examinou o trabalho de docentes do ensino superior,

com especial atenção para a identificação e entendimento das singularidades profissionais dos membros de um grupo de dez professores universitários, com ênfase para a compreensão da gestão cotidiana das atividades laborais e para o modo como são produzidas e cumpridas as normas e regras norteadoras, delimitadoras e limitadoras do trabalho dos professores participantes da pesquisa. Ao final da leitura da tese pudemos notar que houve preocupação, por parte da pesquisadora, com a teorização acerca da potencia de agir e da capacidade de transformação concreta do trabalho pelos professores, em sintonia com a perspectiva de desenvolvimento humano de Clot (2010). Apesar disso, a autoconfrontação foi utilizada somente para a recolha de dados, não tendo avançado no sentido de contribuir para a efetiva mudança do trabalho dos voluntários do estudo.

A dissertação de Belém (2010), conforme mencionado anteriormente, apresenta estudo acerca do trabalho do tradutor do intérprete de língua portuguesa brasileira de sinais que atua no ensino médio. A temática abordada era inovadora e pouco estudada, entretanto, o uso da autoconfrontação manteve o caráter parcial e limitado observado nos dois estudos que inauguraram a utilização do dispositivo metodológico em tela no Brasil. Neste caso a autoconfrontação serviu para estimular os participantes da pesquisa, incluída a pesquisadora, a dialogar sobre o trabalho do tradutor-intérprete da língua de sinais, sem haver preocupação com a modificação da arbitrária rotina e das condições de trabalho.

De acordo com os dados de Bancos de Teses e Dissertação da CAPES, no ano de 2011, seis estudos em Educação foram concluídos. Entre as pesquisas mais significativas tornadas disponíveis neste ano, registramos a dissertação de mestrado, produzida na Universidade Estácio de Sá, de Perez (2011), que verificou as representações sociais e sentidos atribuídos aos saberes construídos e experiências vivenciadas ao longo da carreira por professores do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. O trabalho de Perez (2011) foi pioneiro no uso da autoconfrontação cruzada em pesquisas produzidas na Educação brasileira. O dispositivo da autoconfrontação foi adotado como o mais adequado para fazer emergir narrativas da história de vida profissional de duas professoras voluntárias da investigação. Ao final da pesquisa, Perez indicou que não observou ter havido ressignificação individual das representações sobre a própria experiência laboral por parte dos voluntários do estudo.

Há, ainda, a pesquisa de Rosemberg (2011), que caracterizou e analisou o trabalho docente universitário em instituições federais de ensino superior. Os eixos norteadores deste estudo acadêmico foram: conhecer os efeitos das formas de organização e gestão do trabalho na vida docente e, também, discutir os sentidos que os professores atribuem à sua atividade laboral. Este estudo foi o terceiro a usar na recolha de dados a autoconfrontação cruzada. O dispositivo metodológico em tela apoiou a produção de saberes e reflexões, por parte dos professores voluntários do estudo, que sinalizaram para a emergência de propostas e encaminhamentos de novos modos de viver e trabalhar, que podemos considerar como indícios de transformação do trabalho com uso da autoconfrontação, extrapolando a utilização do dispositivo como simples instrumento de coleta de dados pela pesquisadora. Entretanto, Rosemberg não realizou a chamada restituição ao coletivo de trabalho, momento em que os trabalhadores inciam a efetiva transformação do contexto laboral.

As demais pesquisas da Educação, que usaram a autoconfrontação, concluídas em 2011 foram: Carreiro (2011), que investigou as representações sociais de uma professora do ensino fundamental sobre o seu próprio trabalho; Girão (2011) que analisou as práticas de duas professoras da educação infantil no processo específico de estímulo à construção de textos coletivos pelos alunos; Araújo (2011) estudou a atividade de uma docente do ensino fundamental em escola pública municipal, que tinha em sua sala de aula alunos em diferentes estágios de aprendizagem; Santos (2011) que desenvolveu pesquisa visando compreender o trabalho de um professor do ensino superior que atuava com aluno com deficiência física. Os autores destas quatro pesquisas adotaram a autoconfrontação simples como instrumento de recolha dos dados e não avançaram no sentido da experimentação das demais fases deste dispositivo metodológico e interventivo.

O exame que realizamos das dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* de Educação brasileiros permite afirmar que as pesquisas mencionadas tiveram como objetivo geral verificar e analisar como o agir do trabalhador encontra-se representado e configurado em textos predominantemente verbais dos profissionais que participaram voluntariamente dos estudos que examinamos. Entretanto, a intervenção com uso da autoconfrontação nestas pesquisas não se deu da mesma forma como proposto inicialmente pelos estudiosos que desenvolveram o dispositivo, na Clínica da Atividade. Não havia demanda ou

percepção da necessidade de transformação do trabalho manifestada pelos trabalhadores. A atividade de pesquisa e o interesse das pesquisadoras é que orientou o processo interventivo.

Embora essas pesquisas do campo da Educação tenham feito uso do dispositivo metodológico da autoconfrontação para o estudo do trabalho, não o desenvolveram em todas as suas etapas, em particular naquela dedicada à restituição dos achados da pesquisa ao coletivo de trabalhadores, que constitui-se no momento privilegiado de transformação do processo laboral. Conforme citado anteriormente, Cardoso (2007), Louzada (2009), Belém (2010), Santos (2011), Araújo (2011), Girão (2011) e Carreiro (2011) realizaram a autoconfrontação simples. No campo da Educação foi somente a partir de Perez (2011) e Rosemberg (2011) que se registrou a utilização da autoconfrontação cruzada. Nenhuma das pesquisas mencionadas, localizadas no Banco de Teses da CAPES, executou a restituição ao coletivo de trabalhadores.

Cumprе ressaltar, considerando os dados apresentados, que os usos da autoconfrontação no campo da Educação tem sido significativamente diferentes da utilização deste dispositivo pelos estudiosos da Psicologia do Trabalho, em especial da Clínica da Atividade, que partem da demanda de um coletivo de trabalhadores para intervir na atividade laboral. O que percebemos é que até o momento, em Educação, não há demanda por parte de coletivos de trabalhadores pela realização de ações capazes de apoiar a transformação do trabalho, mas existe somente a percepção do pesquisador de que haveria a necessidade de uma intervenção para a modificação da atividade laboral de um coletivo de profissionais.

Na Clínica da Atividade é preciso que a necessidade e o desejo de transformação do trabalho sejam percebidos pelos trabalhadores, que manifestam a vontade de vivenciar um processo de modificação da atividade laboral, orientadas por ações de análise e compreensão do próprio cotidiano de trabalho. Na Educação as pesquisas têm apresentado um processo bastante distinto: primeiro o pesquisador identifica seu interesse por investigar o trabalho de um *métier* específico e, após, consulta os trabalhadores sobre o interesse em participar de um estudo que poderá ou não resultar em transformação do trabalho. A autoconfrontação, dispositivo metodológico científico e de transformação do trabalho, acaba por ser utilizado de modo fragmentado na Educação, ao servir prioritariamente a recolha de dados do pesquisador, com menor ênfase para a transformação do trabalho pelos trabalhadores.

É possível levantar numerosas hipóteses para essa fragmentação da autoconfrontação nos estudos produzidos na Educação. Algumas delas que nos parecem mais pertinentes são:

- A preocupação em relação à adoção e à adaptação de um dispositivo metodológico vindo de uma área do conhecimento (Psicologia) para outra área (Educação). Entre os estudos analisados neste artigo, notamos que as pesquisas do campo da Educação são realizadas em grande parte por pedagogos e não por pesquisadores ou profissionais ligados ao campo da psicologia. Aqui, levantamos como hipótese que a menor tradição de profissionais da pedagogia em intervir nos ambientes profissionais possa estar gerando dificuldades no uso da autoconfrontação como dispositivo interventivo.

- No Brasil, as pesquisas do campo da Educação, que identificamos por meio do Banco de Artigos e Teses da CAPES, são trabalhos marcadamente acadêmico-científicos, de modo que seus objetivos e questões de pesquisas tem sido respondidas com o uso de apenas algumas etapas do dispositivo metodológico aqui abordado. Observamos que o fato de não existir demanda de trabalhadores por transformação da atividade laboral torna a fase de restituição ao coletivo dos trabalhadores de difícil realização.

- O terceiro motivo recai sobre o tempo destinado ao desenvolvimento das pesquisas acadêmicas voltadas para a produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado no Brasil, que vão de 2 a 3 anos no mestrado e quatro anos no doutorado. Isto faz com que o pesquisador não possa aguardar o surgimento de um grupo de trabalhadores que demande intervenção em seu cotidiano laboral. É preciso realizar a pesquisa e cumprir os prazos previamente determinados pelas universidades e órgãos reguladores governamentais. Assim, o pesquisador acaba por priorizar o desenvolvimento e conclusão do seu trabalho de pesquisa.

- O quarto motivo é a dificuldade em encontrar pessoas e grupos de trabalho interessados em participar da autoconfrontação em todas as suas etapas, visto que isto demanda tempo e disponibilidade dos participantes. Ainda, não podemos deixar de lado que mesmo quando um grupo de trabalhadores deseja participar de todas as fases e movimentos da autoconfrontação, é preciso que a instituição ou empresa a qual estão vinculados também esteja interessada na realização do processo interventivo.

- O quinto e último motivo, associado ao caráter experimental do dispositivo, é o fato que consideramos como um problema de transposição de procedimento metodológico, ou seja, a

dificuldade dos pesquisadores no que se refere à transposição de um dispositivo criado por uma área específica de conhecimento para a intervenção, para uma outra área com caráter, inicialmente, investigativo, como foi o caso das pesquisas realizadas até o momento.

É importante enfatizar que, a despeito da fragmentação no uso deste dispositivo, a Educação tem contribuído, sobremaneira, para a ampliação do uso da autoconfrontação no país e para o seu aperfeiçoamento e adaptação à realidade dos pesquisadores e trabalhadores brasileiros. A despeito disso não se pode negar que há uma lacuna nos estudos especializados do campo da Educação com utilização da autoconfrontação, na medida em que ainda é reduzido o número de investigações que adotaram a autoconfrontação cruzada para a recolha dos dados e, principalmente, não há pesquisas que tenham adotado a autoconfrontação como dispositivo de transformação efetiva do trabalho de profissionais. Neste sentido é preciso que os estudiosos do campo educacional estejam atentos à transformação da atividade laboral e produção de saberes acadêmico que começa a surgir em outras áreas, com destaque para a Linguística Aplicada e a Psicologia.

Entre os trabalhos que estão emergindo e que fazem uso da autoconfrontação para a recolha de dados e, também, para apoiar a promoção da transformação do trabalho, podemos mencionar a pesquisa de Messias (2013), tese de doutorado defendida em fins do ano de 2013 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, que investigou o trabalho do professor em um contexto de formação continuada em uma escola pública do estado de Mato Grosso e, para tanto, propôs como método de abordagem a investigação deste trabalho por meio do dispositivo metodológico da autoconfrontação em todas as suas etapas, isto é, incluindo a restituição ao coletivo. Os professores participantes das autoconfrontações discutiram seu trabalho em particular e o trabalho do coletivo propondo alterações em sua forma de agir em sala de aula.

Há, ainda, o estudo de Perez (2013), que partiu da demanda de um coletivo de professores de uma organização não governamental (ONG), que atuava no campo da educação, para a realização de um processo interventivo e uma pesquisa com uso da autoconfrontação. Este projeto de pesquisa e processo interventivo também foi concluído no final de 2013.

Assim, notamos com esses dois trabalhos que há preocupação dos pesquisadores da Linguística Aplicada e da Psicologia com a exploração das possibilidades que a autoconfrontação traz para a ciência e para o mundo do trabalho, por meio da ação conjunta entre pesquisadores e

trabalhadores interessados em transformar e compreender o trabalho. O que se espera é que estudiosos do campo educacional também passem a produzir pesquisas em que a autoconfrontação seja utilizada integralmente, de modo a estimular a transformação do trabalho por coletivos de profissionais. Frisamos aqui que acreditamos que outras experiências possam estar surgindo, mas que por não termos acesso a pesquisas ainda em desenvolvimento, não pudemos referendá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, como se pôde perceber no desenvolvimento deste artigo, há uma importante lacuna no uso da autoconfrontação em estudos especializados, realizados no Brasil, do campo da Educação, que é a aplicação parcial e fragmentada deste procedimento metodológico e interventivo.

Concluímos apresentando duas possibilidades que podem ser consideradas, a fim de modificarmos o panorama dessa fragmentação do uso da autoconfrontação na área da Educação. A primeira seria a realização de intercâmbios entre os pesquisadores de diferentes grupos de pesquisa que integram a Educação brasileira com estudiosos do campo da Psicologia do nosso país, que é área com maior experiência na intervenção e ações no sentido de transformar o trabalho. A hipótese é que as trocas com estudiosos desta área poderão contribuir para que a Educação passe a usar a autoconfrontação também como procedimento interventivo no mundo do trabalho.

Já a segunda refere-se ao estabelecimento de parcerias entre programas de pós-graduação em Educação, com professores orientadores, mestrandos e doutorandos que utilizam a autoconfrontação e escolas privadas, secretarias municipais e estaduais de educação interessadas em apoiar e promover mudanças no processo de trabalho de docentes, associado ao indispensável interesse de uma ou mais escolas e de seus profissionais em transformar a rotina laboral dos professores. Neste caso a hipótese que levantamos é que o estabelecimento de parcerias com instituições e profissionais interessados em transformar o trabalho docente potencializará a utilização integral da autoconfrontação por pesquisadores da Educação em fase de elaboração de tese ou dissertação.

Notas

ⁱ Anteriormente foi produzido estudo denominado “A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor” (MESSIAS; PEREZ, 2013), dedicado ao exame dos usos deste dispositivo em pesquisas concluídas que resultaram na produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado na área da Linguística Aplicada.

ⁱⁱ Nesse trabalho optou-se por adotar a grafia “Vigotski”, conforme as traduções das obras do pensador russo para o português, realizadas por Paulo Bezerra.

ⁱⁱⁱ A instrução ao sócia é um dispositivo metodológico que tem como objetivo “[...] levar o trabalhador a (re)conhecer sua atividade e, conseqüentemente, a (re)pensar um modo de operar mudanças em seu ambiente de trabalho”. (RODRIGUES, 2010, p. 61). Para conhecer mais sobre a instrução ao sócia, Cf.: RODRIGUES, D. L. D. *A Autoconfrontação Simples e a Instrução ao Sócia: entre diferenças e semelhanças*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP, São Paulo, 2010.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. R. L. *Sentidos e significados da atividade prescrita e realizada: analisando o processo da alfabetização e letramento*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

BELÉM, L. J. M. *A atuação do tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Médio*. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, 2009.

CARDOSO, O. P. *A didática da história e o slogan da formação de cidadãos*. 2007. 250 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARREIRO, C. M. *O processo de resignificação de representações sociais de saberes e da atividade docente de uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2011.

CLOT, Y. *Méthodologie en clinique de l'activité: l'exemple du sosie*. In: DELEFOSSE, M. S.; ROUAN, G. (Org.). *Les methodes qualitatives en psychologie*. Paris: Dunod, 2001, p. 125-146.

_____. *A função psicológica do trabalho*. Trad. Adail Sobral. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Trabalho e poder de agir*. Trad. Guilherme de Freitas, Marlene Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Y *et al.* Entretien en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. *Education Permanente*, n. 140, p. 17-25, 2001.

FAÏTA, D. La conduite du TGV: exercices de styles. *Champs visuels*, Marseille, n. 6, p. 75-86, 1997.

GIRÃO, F. M. P. *Produção coletiva de textos na educação infantil: a mediação e os saberes docentes*. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

LOUZADA, A. P. F. *Crônicas de um trabalho docente: a invenção como imanente à vida*. 2009. 200 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MENEGOLO, L.W. *Práticas discursivas no trabalho de avaliar em vestibular: da atividade à constituição de sentidos*. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

MESSIAS, C.; PEREZ, D. A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor. *Revista Educação e Linguagens*, v. 2, p. 92-112, 2013.

MESSIAS, C. O agir didático do professor de língua portuguesa e sua reconfiguração pelos professores. 2013. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 2013.

PEREZ, D. *O trabalho do professor na educação não formal*. 2013. Relatório de Pesquisa, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/UNESP, 2013.

PEREZ, J. S. *Representações sociais de saberes da experiência por professores dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública*. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, D. L. *A autoconfrontação simples e a instrução ao sócia: entre diferenças e semelhanças*. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROSEMBERG, D. S. *O trabalho docente universitário sob o ponto de vista da atividade: tessituras de vidas em uma universidade federal*. 2011. 203 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SANTOS, S. D. G. *Autoconfrontação e o processo de inclusão: (re)viendo a atividade docente na Educação Superior*. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

VIEIRA, M. A. M. *A atividade, o discurso e a clínica: uma atividade dialógica do trabalho médico*. 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.